

## **PORTA 12 (PUERTA 12) – RESENHA**

Prof. Ms. Rafael Fortes

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

raffortes@hotmail.com

Recebido em 19 de setembro de 2008

Aprovado em 21 de novembro de 2008

### **Resumo**

Esta resenha tem por objetivo discutir o documentário argentino *Porta 12*, dirigido por Pablo Tesoriere. O filme aborda a tragédia ocorrida em 1968 no estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires.

**Palavras-chave:** futebol; Argentina; documentário.

### **Abstract**

#### **Porta 12 (Puerta 12) – Film Review**

This review aims at discussing Argentinian documentary film *Puerta 12* (“*Gate 12*”), directed by Pablo Tesoriere. The film is about a tragedy occurred in 1968 at Monumental de Nuñez Stadium, in Buenos Aires.

**Keywords:** football; Argentina; documentary film.

Direção: Pablo Tesoriere. Argentina, 2007. 90 minutos.

Tragédias em estádios de futebol não são algo novo ou raro. A morte de torcedores do Bahia na Fonte Nova, no final de 2007, é um exemplo brasileiro recente. A recorrência de tais acontecimentos é sinal de que medidas preventivas cabíveis não são tomadas ou são insuficientes e que episódios anteriores, após curto período de indignação e espalhafato na imprensa, caem no esquecimento.

Pois é sobre o esquecimento de uma tragédia específica que trata *Porta 12* (o documentário foi apresentado com este título no festival É Tudo Verdade 2008, embora o mais apropriado, *futebolisticamente* falando, fosse *Portão 12*). Ocorreu em 23 de junho de 1968, no Estádio Monumental de Nuñez, do River Plate, após um clássico com o arqui-rival Boca Juniors. Ao final da partida, um tumulto fez as pessoas caírem no último lance da escada de descida para o portão número 12. Os corpos se amontoaram até que a saída ficou fechada, causando a morte de dezenas de torcedores por sufocamento. Foram 71 mortos e mais de uma centena de feridos. Para muitos, a maior tragédia da história do futebol argentino.

O filme não se propõe a estabelecer uma verdade definitiva, mas a apresentar diferentes pontos de vista, seja sobre as possíveis causas imediatas, seja sobre as razões de fundo. No primeiro caso, há quem atribua as seguintes razões para a confusão: membros de torcida organizada do Boca procurados pela polícia que tentavam fugir; existência de roletas na saída, dificultando a movimentação do público; repressão policial a torcedores na saída; pressa dos torcedores para deixar o estádio após o jogo; portão fechado ou parcialmente fechado. Há ainda uma hipótese política, de que a torcida do Boca cantara hinos peronistas durante a partida e a polícia a esperava na saída para reprimi-la. Vale lembrar que a Argentina vivia uma ditadura militar – o documentário apresenta, inclusive, cenas do general Juan Carlos Onganía, então presidente, visitando a delegacia para onde vários corpos foram levados.

No segundo, uma série de explicações de cunho político, sociológico, histórico e cultural são destrinchadas pelos entrevistados. Discutem-se as características do povo argentino e a relação do futebol com a sociedade, a política e a violência. Há quem argumente pelo viés das relações entre sociedade e Estado. O sociólogo Pablo Alabarces

compara o episódio com a atitude da sociedade e dos políticos ingleses após a tragédia de Hillsborough. Na Inglaterra, tanto a sociedade civil quanto os políticos realizaram investigações e discussões, gerando uma quantidade enorme de informações que, por sua vez, subsidiaram a discussão pública, deliberação e adoção de uma série de medidas para prevenir novos acidentes, ao passo que, na Argentina, a única modificação relevante foi a troca da numeração das saídas do Monumental de Nuñez. De números, passaram a letras, fazendo sumir o Portão 12, transformado em Portão L. Uma medida típica da forma pela qual certas sociedades lidam com seus problemas – e aqui o paralelismo entre Argentina e Brasil é mais do que evidente. Ficando com o caso já citado, pouco após a morte dos torcedores na Fonte Nova, o governador da Bahia apresentou uma solução *brilhante*: demolir o estádio.

Falam no filme acadêmicos, jornalistas, jogadores de ambos os lados que estiveram em campo na partida, um ex-advogado do River Plate, torcedores que sobreviveram à tragédia, parentes de torcedores mortos e agentes da lei que participaram do inquérito. O escritor uruguaio Eduardo Galeano faz uma belíssima defesa do futebol ao dizer que muitas pessoas culpam injustamente este esporte, atribuindo-lhe a geração de maldades – quando, na verdade, estão confundindo o termômetro com a febre.

O filme tem dois tipos de seqüência com atores. Numa, simulam confusão, briga e quedas. Na outra, estão no interior do que parece ser um tecido sintético, numa provável referência ao esmagamento e asfixia que causaram as mortes. Estas e outras passagens lançam mão de efeitos sonoros (distorção, eco) e visuais (tremidas, câmera lenta) causando algum estranhamento. Além da utilização de atores (ou dançarinos) em trechos cuja linguagem é próxima da dança e do teatro, *Porta 12* dialoga também com outras artes, como a pintura e a música. A canção bela e triste do final funciona como pano

de fundo para a exibição da lista dos mortos, com nomes e idade restituindo um pouco de humanidade e personalidade às vítimas, várias delas adolescentes de 14, 15 e 16 anos.

A breve fala do diretor, presente em uma sessão da mostra competitiva do Festival *É Tudo Verdade* 2008, forneceu duas evidências do quanto passado e presente podem estar ligados. Primeiro, explicando que a idéia do filme nasceu da curiosidade sobre o episódio, sempre muito discutido em família, pois seu tio-avô, Américo Tesoriere, foi um importante goleiro do Boca Juniors e da seleção argentina nos anos 1910-20. Segundo, e talvez mais significativo, informando que, graças ao filme, finalmente – em março de 2008 – foi colocada uma placa no Estádio Monumental de Nuñez registrando o acidente, como reivindica uma das entrevistadas. Trata-se, portanto, de um exemplo, simbólico e pequeno, mas significativo, de como a discussão sobre o passado – nas artes, na universidade, onde for – pode contribuir para o presente e nele intervir. No caso específico, também ajuda a fazer conhecer a conhecer o ocorrido, na tentativa de que não venha a se repetir.

Mais do que render homenagens, pode gerar trabalho e acompanhamento constantes – em vez da recorrente e quase sempre inócua caça às bruxas na tentativa de identificar culpados – para que tragédias não se repitam. É útil retomar a comparação com o Brasil: em que pé está o caso da Fonte Nova? O assunto, convenientemente – para autoridades e para a mídia esportiva, que vive de muito confete e pouca investigação e discussão de problemas –, sumiu das manchetes após poucos dias de rasa e moralista pseudo-busca de culpados. No filme, um dos entrevistados destaca que o jornalismo argentino, especialmente o impresso, teve um papel horrível, adotando a versão policial/oficial (algo em parte justificável por se estar em uma ditadura).

Quais as condições de segurança dos estádios brasileiros? O policiamento é treinado para saber lidar com multidão e agir em meio à confusão? A imprensa não acompanha, no dia-a-dia, as providências que o poder público toma (ou não). O interesse quase exclusivo por audiência gera uma ausência sistemática de cobertura das atividades normais (regulares) do poder público. Essa omissão sobre o cotidiano soma-se ao comportamento quando as desgraças acontecem – e aqui trata-se de problema que alcança diversos assuntos além do esporte. As coberturas jornalísticas, quase sempre focadas em detalhes dos episódios, os tratam de forma isolada e passam ao largo das causas estruturais, pouco ou nada contribuindo para a produção de informações úteis à sociedade. Quanto mais emocional e focada nos detalhes é a cobertura jornalística, menos ajuda a articular o que aconteceu com outros episódios do passado e do futuro.

Outra reflexão suscitada diz respeito à importância de olhar para nossos vizinhos para conhecermos a nós mesmos. A história e os problemas têm muito mais em comum com os brasileiros do que a realidade da Europa e dos EUA, tão destacadas e retratadas na mídia (jornalismo e cinema). *Porta 12* será lançado no Brasil? Por quê? Não tem ele mais a dizer sobre nós do que boa parte dos filmes exibidos pelos canais privados de televisão brasileiros? Infelizmente, como quase todos os filmes importantes feitos na América Latina, é provável que não seja lançado nos cinemas nem chegue às locadoras; muito menos passará na televisão.

Vale a pena visitar o site oficial do filme, <http://www.puerta12.com>, repleto de informações.